

As estratégias de lançamento da adaptação do livro-reportagem Rota 66 e a recepção do público nas plataformas digitais¹

Gabriel Bhering²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

O presente estudo analisa as estratégias de lançamento da série audiovisual “Rota 66: a polícia mata” a partir de duas mídias: a) plataforma Instagram e b) emissora Globo. O fenômeno de adaptar um livro-reportagem deve ser lido pelas lentes da tradução intersemiótica e teoria da adaptação, não como um caso de transmídia. Ainda assim, quando o livro é adaptado, esse pode entrar em uma lógica de transmidiação na divulgação com a propagação de trechos da série no Instagram. Assim como com a produção de programas específicos na emissora, entre eles, o Profissão Repórter, que busca expandir a narrativa das páginas entrevistando personagens do livro na atualidade. A partir deste estudo foi possível compreender que na nova ecologia midiática as lógicas do streaming e da emissora do grupo Globo se alimentam mutuamente e são espaços potentes também para o jornalismo audiovisual.

Palavra-chave: adaptação; streaming; plataformas; jornalismo audiovisual; público.

Introdução

O livro-reportagem “Rota 66: a história da polícia que mata”, de Caco Barcellos, ganhou uma adaptação para série audiovisual em 2022 no Globoplay. O caso pode ser lido como uma tradução intersemiótica, por ocorrer uma “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (Jakobson, 1969, p. 64-65). Este fenômeno também pode ser lido pelas lentes da teoria da adaptação (Stam, 2008), no entanto, não deve se confundir com o conceito de transmídia, que está ligado às narrativas que se desenrolam “através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (Jenkins, 2009, p. 138). Embora a adaptação não seja um caso de transmídia, quando o livro-reportagem foi traduzido para série, esse entrou em uma lógica de convergência, como pode ser observado com o programa Profissão Repórter, que produziu uma edição especial sobre

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Audiovisual, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e bolsista da Fapemig. E-mail: bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professora titular da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br.

o livro como uma estratégia de divulgação da série. Este estudo pretende se voltar justamente para como se deu o lançamento da adaptação, trabalhando com o programa jornalístico e os conteúdos produzidos nas plataformas pelo Globoplay para divulgação, assim como com a recepção do público.

Em 1992, o repórter Caco Barcellos lançou o livro-reportagem “Rota 66: a história da polícia que mata”, ganhador do Prêmio Jabuti de melhor reportagem no ano seguinte. A ideia para a escrita desse livro surgiu a partir do caso de três amigos da elite paulistana assassinados pela Polícia Militar no bairro Jardins em São Paulo no ano de 1975. Os jovens roubaram o toca fitas de um automóvel pertencente a um garoto que tinha uma dívida em dinheiro com um deles. Essa retaliação fez eles passarem a ser perseguidos pela Polícia Militar, que atirou nos garotos, ao invés de realizar a prisão em flagrante, alegando mentirosamente que houve um tiroteio. Diferente do que esperavam, os meninos eram da elite paulistana e logo o fato ganhou as manchetes do país.

Caco Barcellos, ao se deparar com essa história, ficou intrigado como esse mesmo caso se repetia com frequência nas camadas mais pobres da cidade de São Paulo. E a partir dessa curiosidade, começou a realizar uma apuração de fôlego de outros crimes semelhantes organizados no decorrer do livro com a devida humanização recomendada pelo jornalismo literário. Nas palavras de Lima, o livro reportagem pode ser interpretado como um veículo de comunicação de massa não periódica capaz de “impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento” (Lima, 2009, p. 46).

Neste estudo, o objetivo não é se voltar para a gênese criativa da série que lida com o aspecto documental e ficcional na reconstituição da trama reescrita. A proposta, conforme já abordado, é direcionar as lentes investigativas para as estratégias de transmediação e a recepção do público nas plataformas. Diante disso, a próxima seção busca apresentar como esse conceito pode ser observado quando o livro-reportagem é adaptado em uma ecologia midiática complexa.

A propagação da série nas plataformas e a recepção pelo público

A adaptação de um livro-reportagem na contemporaneidade não se resume somente a traduzir de modo intersemiótico, por se fazer necessário pensar em estratégias de divulgação da obra. Durante o processo adaptativo da série “Rota 66: a polícia que mata”, o programa Profissão Repórter, apresentado por Caco Barcellos,

autor do livro, desenvolveu uma edição especial sobre a grande reportagem, na qual familiares de vítimas da Polícia Militar foram ouvidos após 30 anos de lançamento do livro. Embora não seja possível pensar esse produto jornalístico como uma ramificação da nave-mãe na lógica de Jenkins, que foi arquitetada a partir das grandes produções norte-americanas, é possível pensar a partir do conceito de transmídiação estipulado por (Fechine, 2013). A autora estudou as telenovelas brasileiras e observou como essas ganham outras circulações para além do capítulo veiculado. Apesar de ser uma lógica semelhante à transmídia clássica, a transmídiação produz conteúdos que “dão continuidade narrativa à telenovela como outros que não. O que coloca o conceito em contraponto à noção de narrativa transmídia” (Mesquita et al, 2023, p. 93).

Em outras palavras, um *reels* com um trecho de uma telenovela já transmitido pode ser interpretado como um caso de transmídiação mesmo sem provocar uma extensão na diegese da narrativa. Em suma, a transmídiação pode propagar ou expandir o universo do produto audiovisual. Se tratando da adaptação do livro-reportagem “Rota 66: a história da polícia que mata” pode ser identificado os dois casos. Em primeiro lugar, é possível observar a propagação acontecendo no Instagram.

Antes da estreia da série, que ocorreu em 22 de setembro de 2022, a Rede Globo realizou uma campanha de marketing para divulgar a sua nova produção, conforme ficou registrado, por exemplo, no *feed* do perfil do Globoplay. No dia 14 de setembro, o Instagram publicou de modo compartilhado com o ator Humberto Carrão (@humbertocarrão) o trailer da série, provavelmente para conseguir um alcance maior. Ao todo foram 317 comentários e 1827 compartilhamentos. Na legenda, o seguinte texto escrito: “Tô arrepiado! Conheça a trajetória profissional de Caco Barcellos na nova série original do @globoplay. #Rota66APolíciaQueMata chega dia 22!”.

Figura 1. Primeiro post divulgado da série no IG @globoplay.



Fonte: @globoplay, 2022.

A partir da legenda desse primeiro post, o telespectador pode identificar que a promessa da plataforma de *streaming* Globoplay é contar a trajetória de Caco Barcellos. No entanto, para quem leu o livro-reportagem e está esperando uma produção que se volte para as histórias das vítimas, essa perspectiva que a série traz pode soar negativa.

Figura 2. Comentários dos leitores após a divulgação da série.

Ver todos os 317 comentários

renansdiaz O livro é sensacional!!!!

jorge.goncalves.52459615 Se a série for fiel ao livro é sucesso garantido. Um dos três melhores livros que li até hoje.

14 de setembro de 2022 • Ver tradução

Fonte: @globoplay, 2022.

Embora o público reivindique por fidelidade conforme ilustra o comentário acima, os estudos desenvolvidos no campo teoria da adaptação apontam que qualidade de uma tradução não está em realizar uma cópia precisa do original, conforme defendeu Stam (2008). No entanto, o processo de roteirizar uma história factual, como aquelas biográficas, demanda concentração (Field, 2001). Portanto, apesar de uma fidelidade plena ser inoperante e indeterminada para qualidade, o compromisso ético precisa ser buscado nas transformações realizadas. A fidelidade que o público talvez deseje encontrar é, na verdade, esse compromisso, e não uma cópia do livro que se encontra

em um signo distinto daquele da linguagem audiovisual e, portanto, impossível de ser transformado sem operações de redução e ampliação. Apesar desses cuidados necessários, isso não revela uma intransmissibilidade entre os meios, conforme observou (Reimão, 2004).

Em 15 de setembro, o Globoplay voltou a divulgar a série “Rota 66: a polícia que mata” com uma imagem que tem o “antes” com o Humberto Carrão e o “depois” com o próprio Caco Barcellos, evidenciando que a escolha do ator encaixou com o personagem que ele interpreta. Na legenda, o ig da plataforma de *streaming* destaca que é uma honra ter o Caco Barcellos da realidade e o da ficção em seus programas. Assim como na legenda do primeiro post de divulgação, Caco Barcellos é colocado como a figura central da série, levantando, novamente, no público o questionamento se a série é sobre ele ou sobre a apuração presente em seu livro-reportagem. No total, a publicação teve 6444 curtidas e 112 comentários.

Figura 3. O Caco da ficção e o Caco da realidade.



Fonte: @globoplay, 2022.

A fim de lembrar da estreia que se aproximava, no dia 16 de setembro, o ig do Globoplay postou uma imagem na qual o Caco, personagem interpretado por Humberto Carrão, está tentando organizar a sua apuração. Na própria imagem há uma legenda que

relembra a data de lançamento da série, sugerindo que estamos como repórter, tentando organizar os nossos compromissos para estreia.“(...) Dia 22 preciso ter todo o tempo para estreia do meu original”. Além de destacar que é um produto exclusivo do Globoplay na legenda do post, essa informação também está presente na imagem, reforçando a informação.

Figura 4. Caco, assim como o telespectador, se organizando para a estreia.



Fonte: @globoplay, 2022.

Mais uma vez é interessante observar que a série “Rota 66: a polícia que mata” é representada por meio da figura do Caco, fazendo com que o público pense se o foco está no caso ou na figura do repórter que no decorrer da divulgação foi colocado em primeiro plano. Diferente do que ocorre no livro-reportagem, cujas aparições do repórter são, sobretudo, para ilustrar os bastidores. Há, também, um capítulo no qual o aspecto autobiográfico emerge, quando o repórter conta uma experiência da juventude que viveu ao ser perseguido pela Polícia, mas de modo geral predominam aparições subjetivas pontuais no relato da apuração.

A emissora como uma aliada estratégica na divulgação da série no streaming

Além das plataformas de mídias sociais se mostrarem um espaço potente para divulgação da série baseada no livro-reportagem de Barcellos, a própria emissora Globo é um canal estratégico para circulação dos conteúdos que estão sendo lançados no *streaming*. Entre as iniciativas executadas pela empresa, no caso do objeto empírico estudado, é possível citar o programa Mais Você, apresentado por Ana Maria Braga, que preparou um café especial para o repórter Caco Barcellos em 4 de novembro de 2022, algumas semanas antes da série ser lançada.

Diante da importância que o personagem do Caco Barcellos adquire na série, Humberto Carrão, ator que o interpreta, foi convidado para gravar um vídeo falando sobre o Caco a ser transmitido enquanto o repórter tomava café com a Ana Maria Braga no programa Mais Você. O ator conta que para gravar a série acompanhou Caco em uma reportagem no Complexo do Salgueiro, no Rio de Janeiro, transmitida no Profissão Repórter.

[...] pude perceber a forma como ele se relaciona com as pessoas, com os entrevistados, com a câmera, tudo isso foi importante para eu construir o personagem. E fiz muitas perguntas, enchi o saco do Caco e tive conversas maravilhosas que vou guardar para sempre, como a ideia do Caco de que a história dos outros importa. Isso é lindo e parece tão fundamental, e é, mas acho que às vezes a gente esquece e o Caco está aí para lembrar. E acho que a série, de certa forma, presta essa homenagem ao trabalho dele (Carrão, 2022, 34s).

A partir dessa fala de Carrão, a hipótese de que Caco Barcellos na série recebe, para além de um papel, uma homenagem por meio do protagonismo fica mais consistente. Afinal, é algo que está sendo dito pelo próprio ator que o interpretou. Ou seja, nas gravações e na forma como ele foi conduzido, Humberto provavelmente foi compreendendo a dimensão do papel que estava realizando naquela série e a sua importância para os resultados e produções de sentido que a série pretendia provocar.

Diante da proximidade do lançamento que traz novamente à tona as histórias reais presentes no livro-reportagem, Caco Barcellos produziu um programa especial no Profissão Repórter transmitido em 18 de novembro de 2022. Nele, juntamente com a sua equipe, o repórter foi em busca das vítimas da Polícia Militar narradas no livro-reportagem, para saber como elas estão atualmente. No início, a reportagem audiovisual traz Caco no bairro Jardins, em São Paulo, falando do caso dos meninos

ricos mortos pela Polícia Militar. Em seguida, o telespectador é direcionado para a casa do repórter que abre seus arquivos de apuração e apresenta diferentes pastas e documentos mapeados para produção da obra.

Diferente da série que pode ser lida como um caso de tradução intersemiótica por transformar os signos verbais para linguagem audiovisual, a reportagem especial veiculada no Profissão Repórter não deve ser lida como um caso de adaptação. Na verdade, o conteúdo jornalístico pode ser avaliado como um exemplo de transmidiação, por ser portar como uma forma de divulgação da série que estava prestes a ser lançada. Diferentes dos trechos da série postados no Instagram, esse conteúdo não gera somente uma propagação, mas, principalmente, uma extensão da narrativa presente no livro-reportagem.

Isto é, apesar do livro-reportagem ao ser adaptado não entrar em uma lógica clássica de convergência, na qual o cânone literário é a nave mãe e as outras produções narrativas que ampliam a diegese principal, é possível identificar, em certa medida, uma ampliação das histórias presentes no livro. A partir de um processo enunciativo semelhante aquele construído durante a apuração principal.

O repórter foi atrás de Joyce, filha do ator Pixote, assassinado pela Polícia Militar injustamente. Na época em que ficou órfã, quando Caco apurou pela primeira vez para o livro, Joyce ainda era um bebê. No processo de apresentação das vítimas, Caco, com o livro em mãos, lê alguns trechos da reportagem entrelaçando o fato escrito com o presente.

Figura 5. Caco entrevistando a filha do ator Pixote assassinado pela PM



Fonte: Profissão Repórter (Globoplay, 2022).

A série também realiza operação de ampliação de algumas tramas presentes no livro-reportagem, mas utilizando como recurso uma liberdade poética do contrato da ficção que reconstrói com compromisso a reportagem. Agora, no caso do programa jornalístico, essa expansão da diegese não se dá por uma ficcionalização, mas por uma ampliação da apuração que o repórter Caco Barcellos começou ainda nos anos 90. Por isso, é possível afirmar que a reportagem especial do programa Profissão Repórter colabora para os leitores descobrirem como se encontram alguns personagens do livro, que também podem ser observados na série audiovisual que se inspira na reportagem. Assim, é possível enxergar o produto audiovisual jornalístico motivando o público assistir à série e quem assistiu à série conhecer os personagens reais por trás daqueles atores e atrizes que dão vida ao livro-reportagem a partir de uma dramaturgia (Coutinho, 2012) ampliada com a tradução intersemiótica.

Considerações finais

O presente estudo revela a partir da análise das estratégias de divulgação do livro-reportagem “Rota 66” adaptado para série audiovisual, o Globoplay como uma plataforma de *streaming* brasileira que trabalha de modo alinhado com a emissora que motivou o seu surgimento. Isto porque, além de utilizar o perfil oficial do Instagram na divulgação, o *streaming* pauta produtos da Globo de acordo com seus lançamentos, conforme visto com o programa Mais Você, que entrevistou o Caco Barcellos; e o Profissão Repórter, responsável por produzir uma matéria especial acerca do livro-reportagem.

Assim como o *streaming* gera conteúdos para a emissora, o inverso também ocorre. Embora a adaptação seja referente ao livro-reportagem, um dos motivos da sua tradução foi, aparentemente, homenagear a carreira do repórter Barcellos, que há anos está na casa. Ou seja, por ainda hoje produzir com frequência o programa Profissão Repórter e colaborar no jornalismo da emissora, o desejo da adaptação pode ter acontecido como uma forma de celebrar o jornalista em vida.

Cada vez mais, emissora e plataforma de *streaming* caminham juntas em um processo de simbiose a fim de se adaptar as novas linguagens da ecologia midiática complexa. A adaptação do livro-reportagem Rota 66 permite realizar essa afirmação ao levar a narrativa jornalística para um lado lúdico que alimenta o jornalismo e vice-versa

em um processo dialógico permanente entre mídias: emissora e plataforma, assim como entre núcleos: jornalismo e entretenimento. Esse processo dialógico gera debates na recepção que pretendem ser aprofundados ainda mais em próximos estudos com a ampliação do escopo investigativo para além do Instagram.

Referências

BARCELLOS, C. **Rota 66: a história da polícia que mata**. 22. ed. São Paulo: Galera Record, 2022.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo: a estrutura da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora MG**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.

FECHINE, Yvana et al. Como pensar os conteúdos transmídias na dramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, M.I.V. (org.) **Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira**. Volume 3. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

MESQUITA, D.; NESTERIUK, S. ; MASSAROLO, J. Reflexões e práticas transmídia no Brasil: uma retrospectiva crítica. **Lumina**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 86–102, 2023. DOI: 10.34019/1981-4070.2023.v17.40474. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/40474>. Acesso em: 29 nov. 2024.

ROTA 66: a polícia que mata. Direção: Philippe Barcinski e Diego Martins. Brasil: Globoplay, 2022.

REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão: correlações**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

STAM, R. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.